

FINALIDADES, METODOLOGIAS E PERSPECTIVAS DO ENSINO DE SOCIOLOGIA NO ENSINO MÉDIO

*Júlio César Lourenço**

Cite este artigo: LOURENÇO, Júlio César. Finalidades, Metodologias e Perspectivas do Ensino de Sociologia no Ensino Médio. **Revista Habitus:** revista eletrônica dos alunos de graduação em Ciências Sociais - IFCS/UFRJ, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 67-84, dez. 2008. Semestral. Disponível em: <www.habitus.ifcs.ufrj.br>. Acesso em: 15 dez 2008.

Resumo: As dificuldades para a efetivação da Sociologia nos currículos do Ensino Médio parecem um desafio do presente, no entanto, é um fato que existe há algum tempo. O texto tem como objetivo de refletir sobre os desafios da Sociologia no contexto do ensino médio sob as considerações de Octávio Ianni no artigo *O Ensino das Ciências Sociais no 1º e 2º Graus*. A discussão a respeito das perspectivas, dos métodos de ensino, as finalidades, ao lado de outros dilemas, igualmente importantes, como as condições de trabalho, a quantidade de aulas semanais e a desnaturalização das pré-noções, são fundamentais seja por sua atualidade e relevância e também pela oportunidade de debatermos e ampliarmos nossos conceitos sobre a questão.

Palavras Chaves: Educação; Ensino Médio; Sociologia.

1. Introdução

Sociologia deve ser lecionada no Ensino Médio? Por que ensinar? O que ensinar e como ensinar? O aluno do ensino médio tem capacidade e interesse para compreendê-la? A Sociologia pode contribuir nas nossas decisões cotidianas ou ela é apenas uma teoria interessante? A Sociologia vai ser uma disciplina divisora de águas ou será apenas um meio de colocar recém formados em Ciências Sociais no mercado de trabalho enquanto eles não chegam ao mestrado e ao doutorado? Qual a relação de Sociologia com a formação de cidadania? Porque se cria tanta ilusão e polêmica em torno dela? Estas questões já há algum tempo geram interessantes debates entre sociólogos, pedagogos, diretores de escolas, políticos, entre outros. As questões são válidas uma vez que a Sociologia está voltando aos currículos do Ensino Médio, depois de vários anos percorrendo longo um caminho de intermitências, com idas e voltas às grades curriculares. Apesar do retorno, permanecem ainda muitas dúvidas, ilusões e preocupações a respeito de como esta nova disciplina irá comportar-se, aliado a isto, deve-se ressaltar que qualquer análise deve sempre considerar a realidade do ensino público e privado no Brasil.

Procuramos, assim, a partir da análise da experiência de estágio e regência, esclarecer um pouco mais o debate sobre a Sociologia no Ensino Médio no contexto brasileiro. Sabemos que se trata de um assunto complexo, e interessante, portanto, não temos a pretensão de esgotá-lo em tão breve ensaio.

Trazendo um pouco de contexto histórico à discussão, devido à concretização das Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (DCNEM), algumas unidades da federação, dentre elas o Estado do Paraná, efetivaram reformas curriculares que incluem a Sociologia como disciplina obrigatória, no entanto, está longe de ser fácil o processo de sua efetivação nas escolas. Infelizmente, em geral, essas políticas de modificação curricular no Brasil, tem se caracterizado como programas de governo, o que significa que possuem início e fim determinados, o que é também uma jogada política, uma vez que não viram leis, tornam-se “doações”, caridades e não direitos. Falta tempo para a implementação e consolidação destes programas no espaço de tempo de um governo, acarretando descontinuidade administrativa e pedagógica. O mais grave é que tais políticas levam ao descrédito no âmbito escolar, uma vez que os professores na maioria dos casos a ignoram, sequer lêem as propostas. Sendo assim, a meu ver, devido a todas as problemáticas, se a Sociologia não se consolidar rapidamente corre seriamente o risco de novamente desaparecer.

Pierre Bourdieu afirma que não é possível capturar a lógica mais profunda do mundo social a não ser submergindo na particularidade de uma realidade empírica, historicamente situada e datada (BOURDIEU, 1997: 48-52). Construindo a rede de relações entre os agentes permite compreender as dinâmicas estabelecidas nos contextos de atuação. Para dialogar sobre a inserção da Sociologia no Ensino Médio é preciso levar em conta diferentes tipos de capital cuja distribuição determina a estrutura do espaço social. Sendo assim o desafio será abordar as dificuldades enfrentadas para a efetivação da disciplina, para isso é preciso saber como ela se comporta, debater sobre seu cotidiano, as expectativas, ambições, necessidades e alternativas. (BOURDIEU, 1997).

As principais dificuldades a serem superadas pela Sociologia no Ensino Médio ocorrem nas esferas:

- *Administrativas*: número excessivo de turmas, em geral, 16 turmas por 40h de jornada, o que por um lado, dificulta a realização de atividades criativas, o acompanhamento dos alunos e uma avaliação diagnóstica e por outro lado, gera desgaste físico e mental.
- *Políticas*: a resistência de professores e estudantes em função da diminuição da carga horária de outras disciplinas.
- *Pedagógicas*: domínio precário dos conceitos básicos das ciências sociais, aliado a isto, falta objetividade e clareza dos temas a serem trabalhados.

O interesse central deste artigo é a problematização das possibilidades e das dificuldades existentes para a inclusão da Sociologia nos currículos do Ensino Médio. Inquietações surgidas durante o período estágio e regência nos colégios da rede pública de Maringá, sobretudo no Colégio Estadual Dr. Gastão Vidigal. A intenção é reunir e discutir elementos importantes que influenciam direta ou indiretamente para a atual condição intermitente da disciplina. A coleta de dados contemplou entrevistas com professores, alunos, estagiários de Sociologia, pesquisa bibliográfica e consulta As Diretrizes Curriculares do Ensino Médio e ao livro público de Sociologia do Estado do Paraná.

2. A Importância da Sociologia no Ensino Médio

Desde a sua constituição como conhecimento sistematizado, a Sociologia tem contribuído para ampliar o conhecimento do homem sobre sua própria condição de vida e fundamentalmente para análise das sociedades, ao compor, consolidar e alargar um saber especializado, pautado em teorias e pesquisas que questionam muitos problemas da vida social.

A Sociologia é um meio de se pensar a realidade social, contudo não o único. Ela lida com as relações, os processos e as estruturas sociais. A interação social é o momento primordial na gênese e reiteração do social. Todo fato social caracteriza-se por ser um nexo de relações sociais. São as relações, desdobrando-se em processos e estruturas, que engendram a especificidade do social. O homem se constitui como ser social no mesmo processo por meio do qual se constitui a sociabilidade. “A interação social constitui o fenômeno básico da investigação sociológica”. Ocorre que “existir socialmente sempre significa de um modo ou de outro, compartilhar de condições e situações, desenvolver atividades e reações, praticar ações e relações que são interdependentes e se influenciam reciprocamente, Nesse sentido, a interação social é, essencialmente, uma realidade dinâmica”. Compreende “diferentes probabilidades dinâmicas de interdependência, dos indivíduos entre si, de suas atividades, reações, ações e relações sociais, ou das categorias e agrupamentos de que fazem parte”. Assim, as partes e o todo constituem-se reciprocamente, modificam-se no mesmo processo em que se formam. Da mesma maneira que a sociedade produz ela própria o homem como homem, ela é produzida por ele. Ou seja, sociedade e indivíduos não denotam fenômenos separáveis, mas são simplesmente os aspectos coletivos e distributivo da mesma coisa. A mesma rede de relações sociais constitui as condições de persistência e transformação da realidade social (FERNANDES, 1964:74-83).

Uma das razões da Sociologia no Ensino Médio é provocar o estranhamento, mas não pode se basear apenas nisso. O problema sociológico é sempre a compreensão do que acontece em termos de interação social. Deste modo, é o trabalho do Sociólogo é questionar os problemas sociais, refutando as primeiras impressões, e indo além das aparências, isto é, provocar no estudante o entendimento que por trás de um mundo manifesto se oculta um mundo latente. Os fatos sociais não surgiram ao acaso foram construídos socialmente. Não há comportamento humano fora da cultura, o que não significa que as estruturas presentes na sociedade não possam ser modificadas. O conformismo ou inconformismo, portanto, não dependem dos temperamentos ou personalidades individuais, mas integram um conjunto de símbolos relacionados com a múltipla variedade de modos de participação no sistema social, a alienação, portanto é síntese de muitas determinações.

Não existe uma solução única e simples para resolver os problemas sociológicos. As pesquisas produzidas pela Sociologia caminham no sentido de não esconder ou camuflar as diferenças, de não aceitar o consolo da falsa consciência idéia de que todos sofrem as coerções do meio social da mesma forma e na mesma intensidade. Ela busca sempre adquirir mais conhecimento sobre experiência concreta do vivido, as práticas culturais de determinada sociedade; a

formalização dessa prática em produtos simbólicos; as estruturas sociais que influenciam este produto.

É importante ensinar aos alunos que as estruturas de um determinado espaço social varia de uma sociedade para outra e numa mesma sociedade, pois ela reflete as condições econômicas, políticas, sociais e culturais das sociedades em um determinado contexto e ela está sempre em construção, por isto o cenário ideal não existe em nenhuma parte do mundo.

Com base nesta explanação, portanto, se deve superar a idéia por demais simplista que Sociologia irá necessariamente contribuir para a formação da cidadania. Segundo Florestan Fernandes, “Não há dúvida que a educação modela o homem. Mas é este que determina socialmente, a extensão das funções construtivas da educação em sua vida” (FERNANDES, 1966:420). O papel da Sociologia no Ensino Médio é a desnaturalização, o estranhamento e a tomada de consciência dos fenômenos sociais. Isto é, fazer o aluno compreender a que a disciplina trabalha a complexidade do ser humano, influenciando e sendo influenciado pelas estruturas sociais, problematizando seus limites, suas contradições e suas diferentes atitudes quando sujeito a um determinado momento ou situação histórica. O seu principal mérito, resumindo, é nos conduzir a pensar sobre as relações sociais (desiguais), as diferentes culturas, as políticas existentes no meio social. O silêncio ao qual estamos habituados sobre esses fatos ilude a ponto de fazer supor que não existem ou que não possuímos responsabilidade sobre eles; assim, equivocadamente, passa-se a acreditar que são valores naturais aos seres humanos. Deste modo, nega-se a debatê-los e eles se tornam um assunto deixado de lado, quando deveriam ser combatidos.

O indivíduo é a soma daquilo que adquire ao longo de sua formação. A escola hoje vem obstruindo a experiência do pensar. Atualmente mesmo vivendo na era da informação, as pessoas não tem o hábito da leitura. As pessoas no Brasil possuem muitas dificuldades de interpretar e relacionar fatos sociais, elas não percebem que determinadas atitudes suas são veiculadas a partir de um determinado ponto de vista. Uma expressão, às vezes aparentemente uma simples palavra, vem sempre carregada de muito significado, sendo assim, mesmo inconscientemente acabamos por reproduzir e perpetuar coerções de uma determinada cultura, influenciados e somos influenciados pelo espaço social que pertencemos. A postura da sociedade brasileira é ambígua, pois se, no âmbito do discurso, reconhece a importância dos direitos humanos e do cidadão, na prática, desenvolve um conjunto de ações regidas pela lógica de mercado, do status e da tradição. Para Sociologia no ensino médio, portanto, o grande desafio a ser alcançado é promover o questionamento do social de modo a permitir aos alunos uma concepção abrangente dos valores e do daquilo que está em jogo dentro do espaço social, não permitindo que negligenciem as desigualdades, tampouco esquecendo que eles podem tornam-se agentes na busca de soluções para as dificuldades.

A volta da Sociologia aos currículos do Ensino Médio não resulta de uma postura filantrópica do Estado brasileiro, ela é oriunda de muitos conflitos e debates. Em inúmeras ocasiões, no Brasil pensa-se em leis e direitos como uma concessão, um privilégio ou um favor de quem

está na posição de dominação para com os dominados. Tratando-se de políticas públicas, a coerção se manifesta também pela *não decisão*, ou seja, pela omissão.

A Sociologia não é matéria de interesse apenas dos sociólogos. O conteúdo de seus trabalhos é objeto amplo de interesse de inúmeros outros profissionais e também a pessoas que apenas se interessam em conhecer a realidade social na qual está inserido. O norte do trabalho crítico é que tudo é movimento, mesmo as estruturas mais rígidas ou tradicionais podem ser dinamizadas. Uma prática pode ser abandonada pelo seu agente. Às vezes, o movimento não é claro, visível, não é transparente, mas está acontecendo.

Como visto, retomar a trajetória histórica do ensino de Sociologia no Brasil significa percorrer um caminho marcado por intermitências. As idas e vindas da disciplina às grades curriculares das escolas demonstram a dificuldade em firmar-se como área do conhecimento fundamental para a formação humana e seu atrelamento a interesses e vontades políticas.

A Sociologia retorna aos currículos do ensino médio em um momento muito difícil da educação no país. Ela sozinha não vai conseguir mudar os quadros atuais da educação no país, que há tempos está defasada em relação a outros países, inclusive da América do Sul, e pelo andamento dos fatos, a Sociologia na visão de muitos, aparentemente veio para piorar os quadros e não o inverso. Entretanto, logo se faz a pergunta, se esta disciplina não tem espaço hoje, quando ela irá ter?

3. A Sociologia no contexto da atual realidade do Ensino em Maringá

Antes de avançarmos devemos considerar a realidade do ensino público e privado em Maringá (mas que são quadros que infelizmente, igualmente ocorrem em várias regiões do Paraná e no Brasil como um todo). No ensino público, tirando alguns casos específicos, a grande maioria das escolas possuem estruturas antigas e sucateadas, as salas de aula são pequenas e superlotadas, faltam cadeiras e carteiras, muitas delas não possuem bibliotecas, salas de vídeo e computadores com acesso a Internet, no plano de ensino, os alunos são aprovados automaticamente, mesmo que não tenham compreendido corretamente o conteúdo, política extremamente ineficaz e que não induz os alunos a compreenderem a importância de se dedicarem aos estudos, os resultados refletem no baixo número de estudantes de escolas públicas aprovados nos vestibulares. Em síntese a descrença em uma possibilidade de mudança está tanto nas direções das escolas, quanto dos professores e alunos, se por um lado o meio nunca é determinante, por outro, ele exerce grande influência na trajetória dos agentes, a falta de referência e estímulo, tanto quantitativamente quanto qualitativamente de ensino entre os familiares e entre os colegas de classe, contribui significativamente para a falha da formação intelectual do indivíduo.

Um dos impulsos mais frequentes das práticas sociais é a naturalização. Sua tendência é de apresentarem os fatos sociais como eternos, imutáveis, distantes e obrigatórios. Deste modo, o meio social muitas vezes nos ofusca a capacidade de refletir, de sonhar, de acreditar na capacidade de mudança.

Por isso, um erro muito comum que é preciso refutar, é considerar que a escola foi sempre o conjunto de desordem e burocracia de hoje. Para entender a origem dos quadros trágicos atuais, é preciso pensar de modo relacional o espaço social, neste caso o escolar, para compreender porque alguns desejam que ela permaneça como está e alguns querem que ela se modifique. Devemos reduzir este pensamento profundamente superficial e parcial de que tudo é alienante, ninguém quer trabalhar, os alunos não tem interesse, “foi sempre assim”, entre outros. A análise sociológica deve romper com este tipo de análise de “vitimização, engodo, reificação”, uma vez que ela não se sustenta a longo prazo. O Pesquisador deve praticar a “arte da desconfiança” e refutar a “preguiça intelectual”. Os problemas da escola são oriundos de todo um processo de descaso brasileiro com a educação, que vai desde políticas paliativas e superficiais, a falta de investimento em estrutura, reciclagem de professores e salários condizentes ao praticado no ensino privado. A falta de interesse por parte do Estado na elaboração de políticas educacionais mais consistentes, tem como efeito o desenvolvimento de ações e estratégias sociais com caráter eminentemente compensatório e paliativo, sem nenhuma preocupação com uma alteração concreta dos quadros atuais do ensino no Brasil. Legislar não é suficiente é preciso a interferência de modo relevante para transformação da realidade da educação.

A escola é um espaço privilegiado de expressão, criação e reflexão sobre valores e idéias de uma sociedade e a expectativa social tem sido de que ela se torne de formação do indivíduo, não mais apenas de informação. Educação nunca foi prioridade no Brasil, contudo, atualmente temos presenciado um momento de grande degradação do valor da educação. Ela não mais é tida como valor e sim como instrumento. Aprender é para a vida e não necessariamente para ganhar alguma coisa.

A Sociologia não pode manter o mundo social a distancia. Você não pode falar do universo escolar, sem considerar que ele é um espaço social que está sujeito as suas leis específicas. Cultura Escolar não é apenas sala de aula, professores, alunos, é também os corredores, os funcionários, a administração, entre outros, obviamente que cada um tendo maior ou menor poder de influencia. Ela deve ser destacada como um relevante espaço social de produção material e simbólica que embora permaneça em constante relação com outros campos de poder, obedece a uma lógica autônoma de funcionamento e hierarquia. As estruturas nunca são estáticas, elas podem ser dinamizadas.

No ensino privado, os problemas são outros, entretanto igualmente preocupantes, pois o ensino apostilado é voltado para preparar ou adestrar os alunos a prestarem exames e não a uma qualificação consistente. Neste contexto, as disciplinas são barateadas e banalizadas – ensina-se apenas aquilo que “cai” nas provas principalmente dos vestibulares – dificilmente há uma discussão relacionando a teoria com a prática. Acaba que os estudantes sabem apenas os exercícios propostos, não sabendo a finalidade e complexidade de determinado conhecimento. Não se ensina a produzir uma crítica ou um posicionamento perante as estruturas desiguais da sociedade, reproduz-se apenas o senso comum. Parafraseando Behrens (2005: 23), a ênfase do ensino recai no produto, na memorização do conteúdo, restringindo-se em cumprir tarefas repetitivas que, muitas vezes, não apresentam sentido ou significado para quem as realiza.

A Sociologia não deve cair na armadilha de pautar o vestibular como referência de qualidade e eficiência em educação, fazendo uma analogia, pensar desta maneira é semelhante a afirmar que um filme cinematográfico é bom ou ruim pela quantidade de bilheteria que determinada obra arrecadou e não pela qualidade do mesmo. O ensino não deve ser pensado como mercadoria, serviço ou sinônimo de status.

Voltando a realidade da educação paranaense. Na escola pública o descaso e o desinteresse percorrem tanto do Estado quanto dos próprios alunos, lembrando que este fato ocorre em praticamente todas as matérias, desestimulando o professor a procurar desenvolver um trabalho consistente dentro da escola, no entanto, nunca se deve achar natural as arbitrariedades que acontecem e permanecem. Complicando este quadro, muitas vezes o professor tem que dar aulas em diferentes escolas em um mesmo dia para ter uma renda mínima no final do mês, dificilmente uma escola consegue compor um corpo docente dedicado a trabalhar as especificidades de cada estabelecimento. No ensino privado, apesar contar com uma melhor estrutura física, de ganhar um pouco mais, o professor é obrigado a seguir o modelo de ensino do estabelecimento onde leciona, com raras exceções, despreza-se a qualificação, a formação intelectual em razão da pressão dos vestibulares.

No meio escolar muitas vezes joga-se toda a culpa das problemáticas da educação sob o professor, quando na realidade, ele é um dos maiores prejudicados. Predomina-se no Brasil a imagem de que ele não deve ter bons salários ou que ele é um custo ou encargo, hoje esta profissão perdeu mais do que simplesmente a autoridade, perdeu o mínimo de respeito que antes possuíam.

São desanimadores os quadros e perceber que não existe uma clara alternativa a eles. Talvez esta seja uma das razões de a Licenciatura ser bastante menosprezada nas Ciências Sociais. É difícil encontrar coisas boas no meio de tantos obstáculos como gostaria Florestan Fernandes. O que não quer dizer que devemos parar de lutar por melhores condições e sim que a crítica deve existir mesmo nas nossas conquistas, um pequeno passo foi dado, porém, é preciso continuar no jogo. Mudamos os fatos sociais a partir do momento que o problematizamos, isto é, a partir do momento que falamos sobre eles, muitas das dificuldades enfrentadas na educação, infelizmente ficam apenas no plano da constatação, se nos calarmos, se pararmos de reivindicar, perderemos mesmo o pouco espaço que atualmente a disciplina possui. Por isso temos que ampliar a discussão para que a Sociologia tenha maior espaço e melhores condições.

4. Metodologias

Para se definir uma proposta de método de ensino demandam-se vários fatores: objetos a serem definidos, a escolha dos temas, a bibliografia referente, o tipo de curso em que a disciplina está inserida. Ianni (1985) avalia que primeiramente o professor deve explicar as diferenças entre os diferentes campos de conhecimento, mostrando que o que difere uma disciplina de outra é o método e objeto de pesquisa. A Sociologia sintetizando, é uma ciência que estuda o comportamento humano em função do meio e dos processos que interligam ao coletivo. A função teórica da Sociologia visa a elaboração de interpretações sobre de um determinado fato ou

fenômeno social para lhes conferir uma explicação pautada nos critérios que esta ciência estabelece, isto é, o que a diferencia das demais ciências é a sua abordagem. Apesar das diferenças entre diferentes campos do conhecimento, em muitas ocasiões, os temas se aproximam, é difícil encontrar uma contribuição das ciências sociais que não implique de uma discussão de outras ciências, fato que não deve ser considerado como um obstáculo e sim como um privilégio.

Devido a grande variedade de temas estudados pela Sociologia é difícil definir “o que ensinar”. Não é possível formar “mini-sociólogos” no ensino médio e é um equívoco querer que os alunos saiam pesquisando quando mal sabem o que é uma pesquisa. No ensino médio, na realidade deve-se ensinar ao aluno à “pensar sociologicamente”. Uma aula de Sociologia deve servir de orientação para introduzir alguém a uma realidade, a um universo específico, o professor deve mobilizar o conhecimento que o aluno já dispõe na intenção dele alcançar outros horizontes, mostrar aos alunos que a sociedade não é estática ela está sempre em movimento, mesmo que este seja para conservar as estruturas.

As disciplinas não surgiram ao acaso. Seus conteúdos foram construídos ao longo da história e são oriundos de muitos debates e conflitos. Sendo assim, a escolha dos temas a serem trabalhados precisam ser estabelecido pelas secretarias de ensino e não impostas pelos programas dos vestibulares. É evidente que qualquer escolha tomada não agradará a todos e terá limites. Eles devem abranger tanto os temas clássicos como temas cotidianos principalmente produzidos por autores brasileiros.

Em Maringá, na grande maioria dos casos a Sociologia está colocada somente no terceiro ano com apenas duas horas / aula semanais (o que é um equívoco, seria importante o ensino desta disciplina desde nos três anos do Ensino Médio), um espaço insuficiente para desenvolver um trabalho consistente, por isto se faz o que pode e não o ideal. É uma ilusão imaginar que é possível passar textos grandes e complicados aos alunos. É melhor que o aluno entenda o raciocínio sobre o pensamento do que ficar pontuando sobre ele. Por isso, em muitos casos é melhor lançar mão de textos simples, às vezes de comentadores, para traçar um panorama de determinada teoria. É preferível passar um texto curto e conciso do que passar um longo e confuso. É possível, por exemplo, trabalhar com qualidade a teoria de Karl Marx utilizando apenas o prefácio a crítica do Capital e a partir dos conceitos fazer referências ao mundo do trabalho, alienação e a desigualdade das relações sociais.

Durante a pesquisa algo constatado é a grande dificuldade ainda de diferenciar Sociologia de História. Ambas são independentes uma da outra, entretanto, o professor deve possuir algum conhecimento na segunda disciplina para poder contextualizar determinado pensamento, ou seja, a história deve ser utilizada apenas para iluminar uma análise. Outra dificuldade foi perceber que existem professores que ficam horas procurando uma definição do que é Sociologia, algo que muitas vezes mais atrapalha do que ajuda a compreender esta ciência tão vasta e complexa. No ensino médio, ficar definindo o que é Sociologia não é o que importa ou o que está em jogo. Esta é uma discussão ampla, cansativa e que muitas vezes pode não chegar a lugar nenhum. O que interessa de fato no ensino da Sociologia no Ensino Médio é o trabalho sociológico e suas possibilidades de desvendamento das realidades das relações sociais. A discussão deve se

fechar sobre o que é a sociedade, como se forma, como se transforma, o que está no horizonte das pessoas e dos grupos sociais e as possibilidades de se recriar o social.

Para um profissional realizar o trabalho dentro de uma sala de aula, ele precisa possuir um conhecimento prévio do tema a ser trabalhado, buscar uma bibliografia, preparar antecipadamente as aulas e pensar método de ensino a ser aplicado. No ensino de Sociologia é fundamental a adoção de múltiplos instrumentos metodológicos, os quais devem adequar-se aos objetivos pretendidos, seja a exposição, a leitura e esclarecimento do significado dos conceitos e da lógica dos textos, a análise, a discussão, a pesquisa de campo e bibliografia ou outros. É importante que o professor não leve ao aluno uma interpretação fechada, e sim, os relatos, os dados pertinentes para o conhecimento de uma situação de forma tão flexível quanto possível.

O método é a maneira como o indivíduo se propõe a explicar determinada realidade. Para instrumentalizar e esclarecer o debate entre as principais teorias a respeito do assunto, utilizei como material de apoio o livro *O Paradigma Emergente e a Prática Pedagógica* de Marilda Aparecida Berehns. Dialogando com a autora, a Sociologia a nível de Ensino médio, pode se valer de três modelos principais de maneiras de conduzir os alunos a “interagirem” com as problemáticas de seu espaço social, o modelo *sistêmico*, o *progressista* e a *pesquisa de campo*, qualquer deles tem suas vantagens e desvantagens, o ideal é procurar sempre combiná-los, não seguir uma linha fixa a todo momento. Não existe uma única forma de explicar sociologicamente a realidade, cada uma depende de posicionamentos políticos distintos. Uma vez que nenhum conhecimento é neutro, toda teoria está carregada de valores e significados, deste modo apesar de todos que queiram adentrar no campo das ciências necessitem seguir uma linha teórica, todas elas possuem suas virtudes e limites. (BEHRENS, 2005).

Um equívoco comum na transposição de conteúdos e práticas de ensino de nível superior para o ensino médio, é que na maioria dos casos esquecem-se das mediações, os conteúdos propostos são densos para serem trabalhados em um espaço curto de tempo, por isso, é importante lembrar que o método deve ser diferente do mesmo utilizado na universidade, e os recortes necessários devem ser feitos. A aula expositiva é método mais usado, mas não é o único com que se pode trabalhar os conteúdos da Sociologia. Vamos a uma breve análise sobre eles.

Método Sistêmico:

Nessa perspectiva, as aulas são basicamente expositivas, porém o professor pode utilizar-se de recursos como vídeos e filmes, jornais, *cartoons* para dinamizar a aula, recursos audiovisuais devem ser utilizados como “pré-texto” para uma análise sociológica, de modo a propiciar um campo de experiência crítica voltado para o conhecimento do social, porém devem ser utilizados sempre com moderação senão os alunos podem acreditar que Sociologia é apenas análise de músicas e filmes.

Este método trabalha com conceitos, temas, e teorias. Devido ao espaço curto para se desenvolver um trabalho mais embasado, acaba que os professores trabalhem apenas com um desses três recortes. No primeiro caso, os professores trabalham conceitos como: classes, interação social, estratificação. As vantagens são a “alfabetização científica”, a capacidade de abstra-

ção, como elemento do discurso capaz de sintetizar as práticas sociais e poder explicá-las, a desvantagem é que um mesmo conceito admite vários significados. No segundo caso, procura-se trabalhar com temas que fazem parte do cotidiano dos alunos: desemprego, educação, cultura. A vantagem é a aproximação com a realidade dos alunos, a desvantagem é o risco de banalização. Por fim no terceiro caso e particularmente o mais difícil, trabalha-se com correntes teóricas da Sociologia como: marxismo, funcionalismo, utilitarismo. A vantagem é proporcionar uma visão geral da Sociologia, a desvantagem é a simples reprodução e o risco da simplificação.

Existe na prática dos professores de Sociologia tentativas de articulação dessas três tendências, como por exemplo, exposição acerca da compreensão dos teóricos clássicos sobre os processos de mudança social ou a discussão da relação indivíduo e sociedade a partir dos conceitos de fato social em Durkheim, ação social em Weber e classe social em Marx.

Tentar esta articulação acredito ser talvez a melhor metodologia, uma vez que consegue contextualizar um tema e trabalhar com os principais autores que discorrem sobre eles, poderia ser algo parecido com uma aula tradicional de literatura por exemplo, deste modo, fazendo uma breve comparação, pega-se um tema como a escola realista, um autor possível a ser estudado seria Machado de Assis. Trazendo isso para a Sociologia: tema possível, mundo do trabalho, autor a ser estudado Karl Marx. A ênfase não é na forma como a Sociologia se constrói, mas sim, no que a Sociologia construiu, ou seja, a Sociologia produzida na academia. A preocupação não está centrada no processo de produção sociológica, mas sim, no resultado dessa produção.

Este modelo citado consegue trabalhar bons autores, os conceitos e alguns temas, porém corre o risco de a aula tornar-se “fácil ou decoreba”, não há modelo perfeito. Em uma sala de aula de Ensino Médio, nem todos os alunos se interessam por todas as matérias, alguns preferem exatas, outros humanas. A pessoa que possui afinidade por uma matéria específica, estimulada, geralmente procurará se dedicar mais a esta matéria do que outra, lembrando que todas têm a sua devida importância, ou seja, deve-se romper com a idéia de que uma ciência tem mais relevância do que outra.

Método Progressista:

Consiste em desenvolver atividades pedagógicas, nas quais, o centro do processo não é o professor, mas o aluno, que torna-se sujeito de seu aprendizado. Os interesses, os temas e as problemáticas do cotidiano do aluno, nesta perspectiva, devem constituir os conteúdos do conhecimento escolar.

O professor deve atuar como mediador. Como são os alunos os portadores do conhecimento, na teoria, cabe a eles definirem as normas de organização da sala de aula, os princípios de convivência social, os temas que serão estudados, os métodos de avaliação e os ritmos de aprendizagem. Aprender a perguntar é também desconfiar das respostas demasiado taxativas.

No cotidiano dos professores de Sociologia, o utilizar-se do método progressista é comum e é uma forma de gerar interesse nos alunos pela disciplina. As temáticas são escolhidas basicamente em duas fontes. Uma primeira fonte é o cotidiano dos alunos e suas problemáticas:

violência, relações familiares, educação, mercado de trabalho. Outra fonte é constituída pelas temáticas que interessam aos estudantes tais como: indústria cultural, diferenças raciais, consumismo, religiosidade, entre outros.

Os temas estão “dentro” das pessoas, são oriundos de debates sociais. Fazemos parte da história local, nacional e universal. O homem é relação social, o conhecimento do aluno é uma vantagem porém ele é limitado.

O cuidado que deve-se sempre tomar é que um tema não pode ser tratado sem o recurso a conceitos e a teorias sociológicas senão se banaliza, vira senso comum. Do mesmo modo, as teorias são compostas por conceitos e ganham propriedade quando aplicadas a um tema ou objeto da Sociologia, mas teoria a seco só produz, para esses alunos desinteresse.

Este método é utilizado geralmente por pedagogos que se especializam em Sociologia. Evidente que este método deve ser utilizado com moderação, na teoria ele parece perfeito, na prática a realidade é outra totalmente diferente, pois a disciplina corre o risco de tornar-se dispersa e sem identidade.

Pesquisa de Campo:

Na pesquisa de campo, os conteúdos científicos e os conteúdos postos pelos alunos estão articulados num mesmo processo pedagógico e assim constituem o conhecimento escolar. Não há como descartar o conhecimento científico visto que ele não é fruto do acaso, mas sim, da própria ação do homem no processo de transformação de sua realidade.

Vários professores têm procurado desenvolver a teoria sociológica principalmente por meio de trabalhos escolares. A pesquisa é geradora de questões novas e um tema bem elaborado fará contribui para que os alunos se defrontem com os conhecimentos científicos como instrumentos culturais para entendimento da realidade, relacionando a teoria sociológica com o cotidiano.

Na pesquisa de campo, ainda que precariamente procura possibilitar ao aluno a apropriação do instrumental metodológico desenvolvido nas Ciências Sociais. No entanto tendo em vista a precariedade das condições tempo e espaço. Não é possível pedir rigor teórico nestes trabalhos e o professor tem de obrigatoriamente explicar a diferença de uma perspectiva histórica de uma sociológica. Obviamente o professor tem que coibir textos retirados da Internet sem a mínima leitura ou adaptação.

5. Planejamento de Aula

Ao contrário do que afirma tanto As Orientações Curriculares para o Ensino Médio quanto as Diretrizes Curriculares de Sociologia para a Educação Básica do Estado do Paraná, não é uma vantagem ter um currículo “livre”, muito pelo contrário. O planejamento prévio das atividades composto por objetivos, conteúdos, procedimentos, recursos e avaliação, orienta o professor para desenvolver um projeto coeso e é uma das grandes demandas percebidas durante o período de estágio. Claro que o planejamento não deve se colocar como um instrumento de controle do trabalho do professor e sim visar buscar um contínuo aprimoramento das estraté-

gias de se lecionar a disciplina. Pelo fato de a Sociologia ser ainda novidade, falta objetividade e clareza dos temas a serem trabalhados. Há grandes deficiências no modelo atual paranaense, a disciplina não consegue garantir nem a transmissão dos conceitos básicos da Sociologia nem problematizar as dinâmicas das realidades sociais. Há claramente uma necessidade de definir uma identidade para a Sociologia no ensino médio.

A expectativa que se tem hoje pela a Sociologia diverge do modo como ela tem se apresentado nas escolas. A falta de uma consolidação curricular provoca o trabalho de temas muito diferentes entre si ou leva os professores a praticarem simplificações grosseiras para atenderem o vasto programa de ensino. Conversando com alguns colegas estagiários, levantamos a questão que, em um mesmo dia, enquanto um professor ensinava sobre a teoria de Webber, outro professor abordava sobre a questão do aborto na sociedade e um terceiro, em uma única aula fez um panorama político que discutia desde Santo Agostinho aos conceitos de classes sociais de Karl Marx. Somado a isto, o vestibular formula questões complexas sobre livros específicos que mal são lidos mesmo na universidade. Sociólogo muitas vezes tem mania de querer ser democrático, ouvir todos os lados, quando na verdade em alguns momentos tem de se impor e tomar uma decisão. Como ninguém toma posição, a corda estoura do lado do mais fraco, ou seja, dos professores e alunos. A liberdade de conteúdos deve existir dentro de alguns critérios estabelecidos anteriormente. Os professores não podem ser receptáculos de políticas educacionais mal formuladas.

Do mesmo modo que na academia uma disciplina tem que obrigatoriamente ter um programa e um cronograma a ser cumprido, no Ensino Médio, a Sociologia também deveria se planejar. Os temas estão abertos em excesso e mostram-se ineficientes uma vez que não conseguem apresentar sequer uma orientação mínima para os professores, muitos deles estão em início de carreira, possuem conteúdo absorvido na academia, entretanto não possuem experiência nem a prática de ensinar, e sequer possuem um roteiro a seguir, tendo de improvisar, entretanto, o conseguem um dia ou outro, mas não o ano todo. Acaba que a matéria fica banalizada, dando a entender que para muitos seria melhor que não existisse.

O Estado do Paraná adotou um livro público de Sociologia, fato que é um grande avanço, ele é mediano, enquanto em alguns pontos ele é bastante interessante, em outros é demasiado extenso, e em alguns temas é significativamente vago, devendo o professor complementar a abordagem com outros conteúdos.

Os limites da ciência Sociologia não coincidem com os da disciplina Sociologia, por isso deve-se falar em tradução e recortes. Se nem na universidade se consegue esgotar o pensamento de um autor, não vai ser em uma sala de aula do Ensino Médio que irá conseguir. O professor tem que selecionar aspectos principais de cada teoria e fazer um recorte relacionando conceitos, teorias com o momento histórico. Devendo atender aos fins didáticos específicos do nível de ensino em que se insere.

O conhecimento sociológico deve ir além da definição, classificação, descrição e estabelecimento de correlações dos fenômenos da realidade social. É tarefa primordial do conhecimen-

to sociológico explicitar e explicar problemáticas sociais concretas e contextualizá-las, de modo a desmontar pré-noções e preconceitos que quase sempre dificultam o desenvolvimento da autonomia intelectual e de ações políticas direcionadas a transformação social. O ensino de Sociologia deve ser encaminhado de modo que a dialética dos fenômenos sociais seja explicada e entendida para além do senso comum, para uma síntese que favoreça a leitura das sociedades à luz do conhecimento científico.

Ianni (1985) diz que o problema preliminar que se coloca no trabalho do professor é procurar mobilizar o conhecimento que o aluno já dispõe, e, ao mesmo tempo, procurar levá-lo a novos horizontes. Seria uma ingenuidade acreditar que os alunos não sabem nada sobre a realidade a qual pertencem. Os meios de comunicação informam as pessoas dos mais variados temas, apesar de muitas vezes reproduzirem o conhecimento do senso comum. Além disso, os temas trabalhados pelos sociólogos muitas vezes fazem parte do universo cotidiano de todos. O professor deve trabalhar fatos, dados e relações, sem por em questão autoridades como famílias, crenças e religiões. Segundo o autor “Precisa trabalhar a partir do conteúdo da matéria e não colocar em questão essas autoridades, porque isso seria evidentemente uma tarefa muito desigual e não é aí que está o problema”.

Outro aspecto interessante que Ianni (1985) analisa é que no Ensino Médio podemos “trabalhar com o senso comum, e ao mesmo tempo, desenvolver uma visão crítica deste senso comum”. Uma das dificuldades enfrentadas na sala de aula é como desnaturalizar os conceitos pré-existentes, “fechados”, dos alunos e mostrar que a realidade é sempre um emaranhado de dúvidas, impressões provisórias e de informações parciais, e ela é sempre mais complexa do que podemos inicialmente perceber e muitas vezes diferente do que gostaríamos que fosse. Ao ligar os pontos aparentemente desconexos dos jogos sociais, o que parece estabelecido e clarificado, logo se revela insatisfatório, enganoso, mistificado.

6. A Sociologia Dentro das Salas de Aula

A Sociologia sempre esteve envolta de estereótipos – imagens construídas com simplificações de comportamentos – como: querer fazer “revoluções”, “queimar igrejas”, “andar sujo”, “comer criancinhas”, entre outros. Os estereótipos desempenham, algumas vezes, o papel legitimador ideológico de generalizações grosseiras de comportamentos de uma minoria para classificar extensos grupos humanos e são produzidos pela dinâmica das relações sociais, compreendendo implicações políticas, econômicas e culturais.

No entanto, nem todos os sociólogos são de esquerda, a grande maioria não usa drogas e/ou “são esquisitos”, e/ou crêem que (apenas) através do comunismo a realidade irá tornar-se outra. As representações (inclusive em relação a Sociologia), os tipos e mitos do pensamento e da cultura, no caso a brasileira, não são inocentes. Revelam muito do que são as configurações e os movimentos da sociedade em diferentes perspectivas, em distintos momentos. Por trás das fachadas se escondem os mistérios sociais. (IANNI, 1996)

Existem dentro da Sociologia diversas maneiras de se interpretar uma realidade social - e existem boas e más leituras sobre as teorias sociológicas. Voltando, “cada método lida com a

realidade social de forma peculiar quanto à relação do real com o pensado e vice-versa” (IANNI, 1996: 29). A imaginação sociológica permite descortinar novos horizontes para a reflexão e a interpretação da realidade social, como também permite reler criticamente muito do que tem sido problematizado os espaços sociais. Em síntese, a dinâmica das diversidades e das desigualdades “fabrica” continua e reiteradamente as intolerâncias e preconceitos. Os Sociólogos devem agir sobre os estereótipos sem partir de um princípio de resolução, mas sim, buscando sempre adquirir mais conhecimento. Em uma sala de aula, o professor pode inclusive abordá-los de modo a questionar os alunos a razão de eles terem este tipo de pensamento.

Quando estava pesquisando sobre deficientes visuais em Maringá/PR, a questão dos estereótipos e preconceitos foi a mais difícil de abordar, lendo um artigo apareceu a seguinte frase: “Todas as pessoas de alguma forma sofrem de preconceitos na sociedade”. O autor foi que escreveu isto foi bastante infeliz na afirmação porque esqueceu que existem diferentes formas e níveis de discriminação e segregação, e isto que o professor deve demonstrar ao aluno: A constituição do Estado brasileiro foi diferente do Estado alemão, italiano; Nem todos que moram na favela são traficantes; A pobreza não justifica a criminalidade. De modo a mostrar aos alunos que o meio social é mais complexo e complicado do que se imagina.

Outro ponto bastante importante é evitar afirmar que a Sociologia é uma “ciência fácil”, que ela “está em tudo”, ou que ela estuda “de tudo um pouco” (portanto, não estuda nada, ou não tem uma identidade), ou ainda, discorrer que determinada abordagem vai “além das fronteiras das ciências sociais”. Uma ciência ou um conhecimento não pode ser reduzido a outro. Do mesmo modo que quando a Sociologia utiliza de fatos históricos ela o faz de modo limitado, o inverso também não percorre todos os pressupostos e teorias das Ciências Sociais.

Independente do método, o professor tem que estar consciente daquilo que vai lecionar, ele deve ter uma estratégia sólida e preparada antes de ir à sala de aula. Uma vez conversando com um professor de história ele me contou sobre um aluno que fazia estágio com ele e estava se preparando para sua primeira regência. O plano de aula do aluno era trabalhar um filme, utilizar o retroprojeter e por fim trabalhar uma música, isto tudo em uma aula de cinquenta minutos. Não faltava competência ao aluno, existia na realidade excesso de ansiedade. Este professor ao invés de o repreendê-lo num primeiro momento, atuou como um inspetor da escola, conseguiu as chaves, pediu as autorizações necessárias, e enfim, o aluno conseguiu realizar a aula, contudo depois, o professor interveio e explicou que aquilo só foi possível devido a ele ter conseguido antes tais equipamentos, e explicou que na correria do dia-a-dia, dificilmente ele conseguiria realizar daquela maneira a mesma aula. Existe muita ilusão sobre o trabalho de lecionar aulas e esta tarefa pode ser muito frustrante em alguns casos. A aula ideal está muitas vezes está distante da aula real.

Nossas ações individuais são limitadas, apenas atuando em conjunto, ou estando em uma posição dominante, é possível mudar as realidades, contudo, nunca devemos desconsiderar a capacidade de resistência dos agentes. Muitos graduandos de licenciatura acreditam que quando foram lecionar o irão fazer de modo diferente aos dos professores atuais, mudarão as características do estabelecimento, até poderão, no entanto é preciso cuidado e cautela com o

egoísmo, e devemos respeitar os mais antigos, uma vez que suas experiências têm muito a ensinar aos mais jovens.

O professor deve sempre tomar cuidado com seu vocabulário e suas afirmações, ele deve ser profissional acima de tudo, deve entender que existe uma distancia de hierarquia entre ele e o aluno, o professor deve ser autoridade, no entanto, não autoritário.

Lembro de um fato bastante engraçado quando estava fazendo estágio de observação em uma escola pública. Encontrava sempre muita bagunça em todas as classes pelas quais passava, vários alunos em pé, as carteiras estavam sempre desarrumadas, claramente se percebia os famosos grupinhos entre os estudantes, lembro que anotei em algum canto do caderno que parecia que havia uma competição para quem falasse mais alto. A aula de Sociologia era aula vaga para os alunos. Teve vários momentos onde a professora em meio a anarquia total se perdia totalmente. Em um dado momento num dia comum de aula, a professora não conseguindo controlar a classe teve a infelicidade de fazer a seguinte afirmação: “A pessoa que olha para uma outra e dá risada sem um motivo aparente está assediando moralmente esta pessoa”. Não deu outra, um aluno no final da sala gritou que a professora estava o assediando sexualmente e que ele ia processá-la, houve outros absurdos e sempre as classes caíam em gargalhadas e se dispersavam totalmente. A professora era esforçada, no entanto, na sua fala não havia coesão, faltava a ela um aprofundamento teórico-metodológico para lecionar a disciplina. Não questionei em nenhum momento a professora, que saía arrasada de cada classe pela qual passava, acredito que o estagiário deve ter uma conduta de ética, não deve criticar diretamente outro profissional. Às vezes não tinha como não dar risada e fiquei realmente arrependido disto depois, me vendo naquela posição, o professor antes de qualquer coisa é um ser humano de carne, osso e principalmente coração.

Apesar disso, constatei que os alunos querem aprender Sociologia, em uma certa aula, uma garota se virou para mim e perguntou se eu ia dar aula no lugar da professora, pois ela não conseguia entender o que ela estava tentando explicar, respondi a ela que não, fazia apenas observação, e que não seria ético eu a criticá-la diretamente. Outro aluno perguntou se na universidade as aulas eram do mesmo modo, respondi novamente que não e lhe dei uma breve explicação das dificuldades da disciplina de se efetivar. Não é porque eu seja da área, mas os temas que a Sociologia trabalha atraem amplo interesse de todos.

O ato de lecionar é semelhante a de um ator em peça de uma teatro, é preciso muitas vezes sentir o seu público, é preciso entender o universo subjetivo do estudante, saber o momento certo de dizer certas coisas ou fazer referencias, às vezes um atividade pode dar certo em uma classe e em outra não, para não se perder, ele obrigatoriamente tem que estar com o texto assimilado. Está longe de ser um trabalho fácil.

Os alunos sabem rapidamente quando um professor está preparado ou não para lecionar determinada disciplina. Há uma grande diferença em quem é formado na área e quem não, o cientista social possui maior bagagem e consistência sobre o tema que irá ministrar. Pedagogos, Filósofos e Historiadores podem certamente lecionar Sociologia, do mesmo modo que Soci-

ólogos por muitos anos lecionaram diversas disciplinas de humanas, contudo, eles devem se preparar mais e melhor, não é de uma hora para outra que um indivíduo consegue abstrair os conceitos da Sociologia.

Se por um lado, um professor preparado, a tendência é o respeito dos alunos, por outro, como todo trabalhador comum, ele precisa de uma renda satisfatória, por isso ele vai trabalhar aonde lhe oferecerem melhores condições, ou se vale do ensino médio apenas enquanto não conclui o mestrado e doutorado, usar o ensino médio como ponte, é um dos motivos, mas não o único, do ensino nas escolas públicas ser tão ruim.

Voltando a realidade dos alunos, para eles, diante do peso que é o vestibular, é mais importante para eles uma matéria que recorrente caia nos exames do que mais uma nova experiência de ensino que pode dar certo ou não, nesse sentido não há como não concordar com eles. Uma minoria ali vai cursar Ciências Sociais, eles estão ali por obrigação e não por que escolheram freqüentar a disciplina. Esse caráter irregular do ensino de Sociologia está também vinculado aos objetivos instáveis do Ensino Médio.

O aluno de Ensino Médio tem capacidade para compreender Sociologia? Para esta questão sigo a explicação de Ianni (1985), “o professor nunca deve menosprezar a capacidade intelectual de um aluno e a sua capacidade de abstração”. Como dito anteriormente a Sociologia tem a vantagem de seus temas em grande parte fazerem do cotidiano dos alunos, eles não estão distantes de sua vida prática como uma fórmula de Física ou Matemática. A Sociologia não possui objetos específicos e sim métodos para estudar uma realidade que outras ciências podem também estudar a partir de outro enfoque. O professor deve estar preparado para compreender as mais diferentes interpretações e trazer estes dados para o campo da Sociologia. Sempre lembrando ao aluno que não é verdade que a sociedade está dada, pronta e definida, ela está sempre em movimento.

7. Conclusão

As questões propostas pela Sociologia são interessantes, contudo podem ser perigosas se a pessoa que lecionar não tiver conhecimento sobre aquilo que pretende ensinar. O professor não deve ir iludido que ao entrar na sala de aula, tudo o que ele preparou e tentou discutir terá relevância para todos, também não deve ir “armado” para descontar seus lamentos nos alunos. Lembrando que é importante que o professor não leve ao aluno uma interpretação fechada e sim explanar os temas de uma forma tão flexível quanto possível. O conhecimento deve permitir ao ser humano satisfazer suas necessidades, sejam materiais, intelectuais ou espirituais. Ianni (1985) afirma que “faz parte do trabalho do professor ajudar o estudante a pensar livremente, criticar aquilo que está sendo apresentado”.

Do meu ponto de vista, acredito que o bom professor é aquele que incentiva aos alunos a tornarem-se autodidatas, que abre o jogo e debate sobre a realidade com propriedade, a crítica não pode ficar apenas no âmbito da constatação e não deve haver posições diferentes para o mesmo tipo de conduta, ele deve explicar, por exemplo, que não adianta nada se indignar com os escândalos da corrupção em Brasília e não ter a mesma postura em relação a um possível

desvio de verbas de um político local. Não podemos utilizar máscaras para ensinar e sermos outra pessoa fora da sala de aula.

Buscar alternativas para o desafio de oferecer uma educação de qualidade vem percorrendo historicamente trabalhos de muitos teóricos da educação, neste sentido, muito se têm problematizado acerca das necessidades educacionais do ensino. Uma vez que as propostas educacionais tanto estaduais quanto federais atuais destoam daquilo que habitualmente deveria ser discurso de uma educação completa e crítica. Existe a necessidade de ampliarmos o debate de como dinamizar as potencialidades das instituições educacionais e principalmente a de romper com o atual sistema tradicional, fragmentado e ineficaz. E nesta caminhada, demandam-se ações tanto de curto quanto de longo prazo.

A Sociologia é uma matéria fundamental para a formação intelectual e crítica do indivíduo, por isso, mesmo com a falta de tradição, ele deve ser tratada com respeito e não aceitar passivamente o pouco que está sendo oferecido. A formação e o desenvolvimento profissional dos professores são de fundamental importância para o sucesso de qualquer reformulação curricular. O êxito de uma escola está diretamente vinculado à formação dos professores, a condições de trabalho adequadas e prazerosas conjugadas a um salário digno, para permitir que o professor assuma menos aula, de maneira que possa se dedicar integralmente e com mais afinco a uma só escola.

A Sociologia é uma disciplina difícil, contudo, acredita-se que quando ela se consolidar nos currículos do ensino médio e os alunos começarem a se familiarizarem mais com ela, as dificuldades tendem a diminuir. Uma aula de Sociologia deve servir de orientação para introduzir alguém a uma realidade, a um universo específico, um espaço para desnaturalizar, questionar e debater sobre as problemáticas do meio social e não a uma defesa de determinada linha teórica ou posição política. Este é um assunto que está longe de se esgotar e é interessante a discussão para que a Sociologia tenha enfim um espaço próprio e não se torne banal ou apenas “mais uma” matéria dentro do currículo escolar. 🌀

NOTAS

* Aluno do 6º período da Universidade Estadual de Maringá. E-mail: j-cl_okcomputer@hotmail.com

REFERÊNCIAS

- BEHRENS, M. A. **O Paradigma Emergente e a Prática Pedagógica**. Petrópolis: Vozes, 2005.
- BOURDIEU, P. **Pierre Bourdieu**. Coleção Grandes Cientistas Sociais. São Paulo: Ática, 1983.
- _____. **Razões Práticas**. São Paulo: Papirus, 1997.
- CEVASCO, M. E. **Dez Lições: Sobre Estudos Culturais**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.
- FERNANDES, F. **Educação e Sociedade no Brasil**. São Paulo: Nacional, 1987.
- _____. **Elementos de Sociologia Teórica**. São Paulo: Companhia Nacional, 1964.

GOVERNO DO ESTADO DO PARANÁ. **Diretrizes Curriculares de Sociologia para a Educação Básica**. Curitiba, 2006.

IANNI, O. **O Ensino das Ciências Sociais no 1º e 2º Graus**. [S.l.: s.n.], 1985.

MEC. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio: Ciências Humanas e suas Tecnologias**. Disponível em http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book_volume_03_internet.pdf. Acesso em 02/08/2007.

MEC. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/baseslegais.pdf>. Acesso em 02/08/2007.